



GT 76. Risco, patrimônio e cidadania.

Coordenador(es):

Manuel Ferreira Lima Filho (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Edmundo Marcelo Mendes Pereira (MN/UFRJ)

Risco, patrimônio e cidadania. Manuel Lima Filho (MA/UFG); Edmundo Pereira (MN/UFRJ). A produção e gestão do risco vêm crescendo como fenômeno e chave analítico-investigativa, articulando campos disciplinares científicos, técnicos e jurídico-administrativos. Diversas áreas têm salientado como o conceito condensa agendas ambientais, tecnológicas, humanitárias e patrimoniais como “sociedades de risco”. As reflexões se concentram nas condições sociais e históricas de produção diferencial da vulnerabilidade, ou de “culturas do risco”. Etnografias de situações de risco, de eventos críticos catastróficos, de operações de resgate e processos de reorganização social pós-desastre têm imbricado economias políticas de distribuição da vulnerabilidade. Agentes do desastre - ‘curtos-circuitos’, ‘sirenes desligadas’, ‘hidrantes sem água’, ‘falhas humanas’, ‘quebras de protocolo’ - configuram pontos culminantes de processos de produção do risco. O GT objetiva reunir etnografias de situações de risco, de desastres, de processos de resgate e (re)construção patrimonial de instituições museais, bibliotecas, centros culturais, acervos históricos, artísticos e científicos, entretecendo dimensões pessoais, comunitárias e institucionais e reunir investimentos no mapeamento da diversidade definitiva da noção de risco, das narrativas e idiomas do desastre como expressões de cidadanias culturais e patrimoniais, dos debates sobre reconstrução e tombamento de ruínas e coleções desaparecidas

Mario Pedrosa e o incêndio do MAM-RJ: pós-modernismo experimental, solidariedade artística e a investigação das ?origens brasileiras?

Autoria: André Leal (PPGAV EBA UFRJ)

O incêndio do MAM-RJ, em 1978, foi o maior desastre patrimonial brasileiro até aquele momento, destruindo a quase totalidade de seu acervo. Ao analisarmos o pensamento do crítico de arte Mario Pedrosa antes e depois do incêndio, muitas ideias sobre a concepção de arte que ele tinha vêm à tona. Para tanto, iremos apresentar três momentos do pensamento ?museal? de Mario Pedrosa: sua proposta de exposição de arte indígena ?Alegria de viver, Alegria de criar?, prevista para o MAM-RJ antes do incêndio, sua proposta de reconstrução do museu depois do incêndio como ?Museu das Origens? e sua atuação junto ao Museu da Solidariedade Salvador Allende no Chile. Esses momentos expressam o potencial de atuação do crítico frente a diferentes momentos de esgotamentos e crises de modelos, seja da arte, da tragédia ou da política. As décadas de 1960 e 1970 são vistas por muitos pesquisadores como um momento de inflexão na produção artística que indica o início do que hoje se convencionou chamar de pós-moderno ou ?contemporâneo?. O crítico de arte Mario Pedrosa foi um dos primeiros a captar o que chama de um ?esgotamento? da arte moderna e em 1966 já chamava a produção ambiental de Hélio Oiticica de ?pós-moderna?, muito antes do termo se tornar comum. Dentro dessa sua visão de certo esgotamento da produção artística da época, Pedrosa propôs, junto com uma série de artistas, antropólogos e arqueólogos, a exposição 'Alegria de viver, Alegria de criar'. Essa exposição iria reunir centenas de peças indígenas no MAM-RJ no início de 1979, o incêndio, porém, acabou por interromper sua produção. Mario Pedrosa pensaria então, como saída para o impasse que a reconstrução do MAM impunha, o 'Museu das Origens', reunindo cinco núcleos para o que seria seu novo modelo ?ideal? de um museu para aquela época: o Museu do Índio, Museu do Negro, Museu de Arte Virgem (do Inconsciente), Museu de Artes Populares e Museu de Arte Moderna. Há nessas iniciativas de Pedrosa um impulso decolonial avant la lettre e intrinsecamente ligado à sua atuação como crítico em



contato estreito com a produção artística da época. Do mesmo modo, tal pensamento é informado e potencializado por sua experiência com iniciativas do governo de Salvador Allende durante seu exílio no Chile no começo da década de 1970. Além do contato com políticas governamentais de potencialização da arte popular e de modos de vida indígenas, ali Pedrosa organizou o Museu da Solidariedade com a revolução de Allende. Como compor um acervo de arte moderna à partir da solidariedade dos mais variados artistas? É entre essas questões que iremos nos mover para pensar como tragédias museais e políticas podem desencadear processos intelectuais e modelos de atuação que potencializem uma solidariedade ?terceiro-mundista?.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: